

EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO E COMÉRCIO TERRAÇOS DE BRAGANÇA (Álvaro Siza Vieira)

NUNO LACERDA LOPES

Duque de Bragança

Projetar e construir: Manter a delicadeza!

O projeto que abordamos insere-se nesta edição de Frente&Verso dedicada ao estudo de alguns aspetos singulares de um edifício e da construção de uma fachada que os alunos realizam no âmbito da unidade curricular construção 2 do terceiro ano do curso de arquitetura do MIARQ da faup. Trata-se de um exercício sobre os diferentes temas, materiais, processos e sistemas que integram o complexo mundo da construção e das tecnologias associadas.

É em “banda larga” que a arquitetura olha para os elementos de construção, quando pensa fazer o seu projeto para o transformar em arquitetura. Nada é apenas superficial, nem sequer formal e, muito menos, pode ser circunstancial.

Neste domínio o ensino e a prática da construção apresenta-se como um universo complexo, cheio de múltiplos e díspares mundos que, se colocados de um modo avulso, técnico e sem a compreensão do todo arquitetónico é possível confundir em vez de esclarecer, baralharmos arte com técnica, tecnologia com filosofia, ideia com matéria, futuro com inovação e passado com tradição.

É de tradição que nos fala esta abordagem que Álvaro Siza desenha nesta velha rua, aberta para o rio, que Pessoa muitas vezes subiu, contando os passos, ouvindo o ritmo do seu calcorrear, sentindo o compasso dos cheios e vazios que desenham estas “casas” todas iguais, estas fachadas feitas de janelas para ver a rua, onde a sua “Maria José” se debruça, no parapeito de uma qualquer janela, olhando a vida e o seu amor que passa o senhor “António” serralheiro.

“Houve um dia que o senhor vinha para a oficina e um gato se pegou á pancada com um cão aqui defronte da janela, e todos estivemos a ver, e o senhor parou, ao pé do Manuel das Barbas, na esquina do barbeiro, e depois olhou para mim para a janela, e viu-me a rir e riu também para mim, e essa foi a única vez que o senhor esteve a sós comigo, por assim dizer, que isso nunca poderia eu esperar.” Fernando Pessoa. Carta da Corcunda para o Serralheiro

Siza, nesta obra, e depois de ter sido já um outro Pombal, viajado e cosmopolita que o Chiado revelou (ali perto a escassos 500 metros) dá-nos o exemplo do que pode ser a sua intervenção no contexto urbano consolidado. Apresenta assim uma obra, um edifício, reconstrói um lugar, uma ideia de habitar Lisboa, neste trabalho “verdadeiramente capital”.

É, por isso, um trabalho que não procura demonstrar nada. Nada há a justificar, apenas a continuidade ao seu único e peculiar modo de ver e de fazer arquitetura. Pouco lhe importa os atentos olhos, críticos e contaminados, que lhe instigam à criação sem fundamento ou a certas liberdades que outras estratégias projectuais muitas vezes dão guarida.

O seu destino, o seu lugar é outro e, por isso, não se atreve a “pôr as mãos no leme quando apenas se vê a estrela polar” (...) “*Não indico qual é o caminho porque os caminhos nunca são claros*”, como poeticamente diz.

N. Lacerda Lopes, “Edifício de habitação e comércio – *Terraços de Bragança* – Álvaro Siza Vieira”, Frente e Verso, Ed. CIAMH, Porto, 2012, ISSN 2182-8237.